

SER EM PORTUGUÊS, TRABALHAR EM INGLÊS

Presentemente Coordenadora do Departamento de EAL (English as an Additional Language) em Hounslow Manor, uma escola secundária no sudoeste de Londres, Catarina Scarrott licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, Ensino de Português e Inglês, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2000 e chegou ao Reino Unido em Agosto do mesmo ano.

Depoimento de Catarina Scarrott



disso, sou licenciada em ensino de Português - o gosto por esta língua e cultura nunca vai desaparecer e, sem dúvida, traz-me muitas vantagens no que diz respeito à maneira de ver o mundo e de me relacionar com ele. Quero que a minha filha beneficie do mesmo. Não lhe dar oportunidade de aprender português seria privá-la de conhecer em profundidade o carinho que a nossa família e amigos portugueses lhe devotam, negar-lhe a compreensão e o orgulho do que é ser-se Português.

Acaba de estabelecer uma relação clara entre língua e identidade...

Sim, a língua materna molda a nossa forma de pensar e de ser. O mundo toma forma, faz sentido a partir dela e, por mais que dominemos uma outra língua, ficamos com a sensação de que nunca está completo sem o significado que a primeira língua lhe confere.

Desde os primeiros contactos com a Coordenação do Ensino Português, em 2001, demonstrou sempre grande empenho na implementação, continuidade e consolidação dos cursos de Português numa área onde o ensino desta língua não estava ainda divulgado. E a própria escola parece ter abraçado a sua/nossa causa...

Tudo isto tem a ver, em primeiro lugar, com o reconhecimento de que a aprendizagem e desenvolvimento da língua materna traz inúmeras vantagens a vários níveis para os nossos alunos. As competências aprendidas na língua materna são transferíveis para a segunda língua: alunos que falam e escrevem bem numa língua depressa aprendem a fazer o mesmo na outra. Para além disso, aprender a ler e a escrever em Português, obter uma qualificação que comprove o seu conhecimento, eleva em muito a autoconfiança dos nossos alunos.

Conte-nos o que a trouxe para Londres e como foi a sua integração no meio escolar inglês.

Em 1997, vim estudar Literatura Inglesa para a Universidade de Westminster durante um semestre, através do programa Erasmus. Regressei a Portugal para completar a licenciatura e o estágio pedagógico, mas senti a necessidade de continuar o meu desenvolvimento pessoal, académico e profissional. Tendo deixado alguns contactos em Londres, decidi vir à procura de um mestrado. Entretanto, contactei algumas agências de professores para ensinar Português e qual não foi o meu espanto quando me ofereceram trabalho a ensinar Inglês. Havia um novo currículo que privilegiava a aprendizagem do funcionamento da língua e uma crise de falta de professores, sobretudo de professores que soubessem como se ensina e aprende uma segunda língua – isto na cidade mais cosmopolita do mundo.

Aí está um caso evidente em que algumas competências adquiridas no sistema educativo português podem representar uma importante mais-valia neste contexto de ensino. Mas o inverso

também acontece. Na sua opinião, o que pode a escola portuguesa aprender do exemplo da britânica?

A escola portuguesa, do ponto de vista da eficiência administrativa, beneficiaria de se tornar mais descentralizada, mais autónoma, para poder adaptar-se e servir melhor a comunidade em que se integra, para poder ter professores que dela façam parte e dar-lhes o apoio de que precisam para fazer face aos desafios que enfrentam. Do ponto de vista curricular, beneficiaria de dar primazia às competências relativamente aos conteúdos - se bem que esteja já a caminhar nessa direção.

No seu dia-a-dia familiar e profissional, o inglês é a língua privilegiada de comunicação. Que lugar reserva ainda para o português?

O único contacto que tenho com a comunidade portuguesa em Londres é com os 30 ou 40 alunos portugueses que há na escola, com os pais deles, os professores da Coordenação e pouco mais. No entanto, ainda me considero muito ligada ao Português e a Portugal. Leio as notícias e falo com familiares e amigos regularmente, para além de ir lá várias vezes ao ano. Além

Depoimento de Catarina Scarrott

Dá-lhes uma razão para se orgulharem de quem são e do contributo que podem dar ao país que os adota. Em segundo lugar, o trabalho que a Coordenação de Português tem feito junto da comunidade lusófona tem um valor imensurável, pelo que merece ser apoiado e servir de exemplo para outras comunidades.

E o vosso apoio tem sido notável a vários níveis, quer pelo estatuto dado aos docentes da CEP, que são reconhecidos como professores da escola, quer pelo completo acesso que lhes é dado às instalações, materiais e recursos. Este ano, foi até possível constituir uma pequena biblioteca em Língua Portuguesa, com diversos manuais escolares, dicionários, gramáticas...

O trabalho dos professores da Coordenação está dificultado pelo isolamento a que estão obrigados indo de escola em escola, no final do horário letivo, sem contactarem com os conselhos diretivos, com os funcionários ou com os outros professores. Nestas condições, fica-lhes negado o acesso a recursos e apoios que em muito facilitariam o seu trabalho. Na posição em que estou, seria um erro não tirar partido do que a Coordenação oferece à escola e aos nossos alunos. Para isso, é importante dar aos professores acesso a tudo o que facilite e torne mais eficiente o seu trabalho.

Este interesse da escola reflete, de algum modo, uma necessidade manifestada pelas famílias de língua portuguesa da localidade?

A comunidade portuguesa em Hounslow é recente. Os portugueses e outros falantes de Português vão-se conhecendo uns aos outros mas ainda não há muitos elementos de ligação entre eles, como em Stockwell ou em outras partes de Londres e do Reino Unido. As aulas de Português vão começando a ser um deles. As famílias têm-se mostrado empenhadas em proporcionar aos filhos a oportunidade de desenvolver o Português, apesar dos muitos

obstáculos que algumas enfrentam para se poderem estabelecer e integrar no Reino Unido.

Nessas circunstâncias, acha que é importante para os alunos lusofalantes terem na escola, em permanência, uma professora que fala a sua língua?

Muito importante, sobretudo do ponto de vista da autoconfiança. Os alunos lusófonos sentem um certo orgulho em poderem chamar-me “professora” em vez de “Miss”. Do ponto de vista educacional, tem sempre mais impacto falar-lhes de valores fundamentais, do que é certo e errado, na mesma língua em que o fazem em casa. Também para as

funcionamento dos cursos é positivo. Futuramente, o que acha que pode ser melhorado ou até mudado?

Ainda há muito trabalho a fazer no que diz respeito a consolidação. É preciso que as famílias conheçam melhor os professores e que haja uma melhor articulação entre estes e as escolas.

Sabemos que se encontra em processo de negociações a integração do Português como disciplina curricular na escola em que leciona. Esta é uma medida que poderá talvez contribuir para a consolidação de que fala. Acha possível que outras escolas



famílias, independentemente do nível de inglês que possuam, é bom saberem que há alguém com quem podem falar, que lhes pode explicar aspetos do sistema escolar inglês em termos de comparação com o sistema que conhecem. Um professor que fale a mesma língua acaba por desempenhar as funções de diretor de turma, facilitando a sua integração.

Além da Catarina, que faz parte do corpo docente da escola, Hounslow Manor acolhe atualmente três professores da CEP que, em horário pós-curricular, lecionam cursos de PL2 e PLE a todos os níveis de escolaridade, abrangendo alunos de diversas escolas na área de Middlesex.

Já deixou claro que o balanço destes primeiros anos de

venham a seguir o mesmo exemplo?

As escolas só têm a ganhar com a parceria com a Coordenação, mas à primeira vista parece-lhes haver muitíssimos obstáculos, por não saberem que se trata de uma organização fidedigna, com professores qualificados, ou por não conhecerem de perto o trabalho que tem vindo a fazer ao longo dos anos. Creio que a integração com sucesso em meia dúzia de escolas e a sua divulgação poderá fazer outras seguir-lhes o exemplo. E este é o primeiro passo para o reconhecimento do Português como uma disciplina equiparada a línguas como o Espanhol.

Já que mencionou o Espanhol, como explica que o Português, sendo o quinto idioma com maior número de falantes, não figure

Depoimento de Catarina Scarrott

ainda entre a oferta das de Línguas Modernas nas escolas britânicas?

Entre as opções oferecidas estão línguas faladas pelas que foram as grandes potências financeiras das últimas décadas na Europa e que, em termos profissionais, eram as línguas mais procuradas (...). O Português já começa a merecer maior atenção, mas, para as escolas, é mais fácil recrutar professores qualificados para ensinar Espanhol, Francês ou Alemão e até aceder a manuais ou outros recursos para ensinar estas línguas.

Considera que o sistema de ensino inglês valoriza efetivamente o ensino e aprendizagem das chamadas línguas comunitárias?

Sem dúvida que reconhecem as suas vantagens. No entanto, as políticas educativas levam sempre em conta os fatores económicos. Em escolas onde se falam dezenas de línguas, com recursos financeiros limitados, não é possível favorecer duas ou três. (...) Por esta razão, muitas vezes as escolas limitam-se a assegurar que os alunos bilingues obtenham as qualificações que reconhecem parcialmente as suas competências nessas línguas.

E os bons resultados nos exames GCSE e A Levels são bem um exemplo do contributo que pode ter a aprendizagem formal do português no aproveitamento global dos alunos. Afinal, o cultivo da língua e cultura de herança por parte dos lusodescendentes ou dos alunos em situação de emigração recente pode ser decisiva, como antes sublinhou, para o seu sucesso escolar no sistema de ensino em que estão inseridos...

Sim, e recentemente tem-se falado muito dos efeitos que o bilinguismo ou multilinguismo tem no desenvolvimento das capacidades cognitivas. Vários estudos têm revelado que falar mais do que uma língua estimula e melhora a memória, a compreensão, a atenção, a capacidade de resolver

problemas e tomar decisões.

E o que responderia aos pais que temem que o risco de um investimento na língua e cultura lusófonas possa dificultar a plena integração na sociedade britânica e retardar o desenvolvimento do inglês, essencial para o êxito escolar e profissional das crianças ou jovens?

Para crianças e adolescentes em idade escolar, o inglês será sempre a língua predominante. Os que falam português em casa desenvolverão somente linguagem ligada ao meio familiar nesta língua. A linguagem do âmbito social e académico será sempre desenvolvida em inglês, pelo que o português estará sempre em desvantagem. Por essa razão, todo o investimento que se possa fazer na língua dos pais só traz benefícios. A coexistência de ambas as culturas e línguas só pode enriquecer quem com elas vive.

E a sua escola, com alunos provenientes dos quatro cantos do mundo e falantes de 70 línguas, é a imagem perfeita da imensa riqueza que se extrai da diversidade...

Hounslow Manor recebeu recentemente um prémio pela sua diversidade cultural. Isto porque reconhece que a multiplicidade de culturas e línguas merece ser celebrada, por ser não uma fonte de desunião mas uma fonte de riqueza e de oportunidades para os alunos. Estamos a preparar os adultos do século XXI, um século em que as fronteiras se vão esbatendo, em que há cada vez mais mobilidade entre países. A tendência é para as sociedades monoculturais e monolingues desaparecerem. Quem for capaz de se integrar e incorporar outras culturas na sua estará em vantagem.

Além do já mencionado apoio às aulas de português, que outras iniciativas promove a escola no sentido de incentivar o pluringuismo e a boa convivência entre as diversas culturas?

Datas celebradas pelas várias religiões e culturas são sempre

lembradas e por vezes até há eventos organizados pela escola, pelos alunos e pelas famílias que são abertos a toda a comunidade. Temos, além do Natal, o Nowruz (ano novo persa), o Diwali (festival das luzes hindu), entre outros. De resto, todos os eventos incluem sempre elementos das várias culturas: os papagaios de papel do Afeganistão, as tatuagens hena e os saris da Índia, os enfeites de papel da Polónia, os tambores da África Ocidental, as elaboradas danças do Nepal... e tudo sempre temperado com música das mais variadas origens. Tudo isto culmina no final do ano com a International Evening – um espetáculo aberto à comunidade que incorpora atuações de todas as culturas que se quiserem fazer representar, nomeadamente a lusófona, que no passado incluiu música, dança e teatro, em performances onde a tradição e a modernidade estiveram bem representadas.

Aqui fica o convite...